

Brasil

Economia Sustentável

Uma publicação do Ministério da Fazenda > Abril de 2009 > Número 4

Superando a CRISE

A economia brasileira, uma das últimas atingidas pela crise mundial, tem tudo para voltar a crescer rapidamente

O Brasil se preparou para enfrentar a crise mundial

O Brasil foi um dos últimos países atingidos pela maior crise do capitalismo nos últimos 80 anos. E será um dos primeiros a sair dela. Em meio às previsões de recessão mundial, a economia brasileira continuará a crescer em 2009. O ciclo de desenvolvimento sustentado não será interrompido. De 1998 a 2003, o PIB cresceu a uma média de 1,6%. Em função da adoção de um novo modelo de desenvolvimento pelo governo brasileiro, essa média de crescimento subiu para 4,7% de 2004 a 2008, encerrando o ano passado em 5,1%. Em 2009, mesmo em ritmo menor, o País continuará a crescer. E, em 2010, deverá retornar ao patamar dos últimos anos.

Neste início de 2009, o Brasil subiu de quarto para segundo lugar no ranking de atratividade para aplicações em 12 meses, perdendo somente para a China.

Por que o Brasil está em melhores condições para resolver a crise? Porque se preparou e criou as condições para enfrentá-la. O País constituiu um mercado interno que estimula o investimento e dá um horizonte de longo prazo aos empresários, menos dependente das turbulências do mercado internacional. O País esteve em 2008 entre os que mais aumentaram suas exportações, chegando a US\$ 197,9 bilhões. Mas as exportações representam apenas 13% do seu PIB, em contraste com 40% a 60% do PIB de outros grandes países exportadores.

Uma política econômica ousada que criou milhões de empregos, combinada com uma forte política social de transferência de renda, gerou um círculo virtuoso de crescimento. Em 2003, a classe média representava 42,4% da população. Em 2008, passou a representar 52,3% ou 90 milhões de consumidores.

A solidez fiscal marca a atual política econômica. Em 2008, o País atingiu o grau de investimento, e o equilíbrio das contas públicas não se alterou com o impacto da crise internacional. No primeiro bimestre de 2009, o Brasil continuou a registrar superávit primário. A dívida líquida do setor público caiu de 52,4% do PIB em 2003 para 36% em 2008, e a inflação está sob controle.

Em 2007, portanto antes de a crise vir à tona, o governo lançou um ambicioso plano de desenvolvimento, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), com investimentos de R\$ 503,9 bilhões até 2010, na melhoria e ampliação da infraestrutura. No início de 2009, foi reforçado em R\$ 142,1 bilhões.

Outra decisão do governo brasileiro e que serviu de escudo

para o enfrentamento da crise foi o ritmo acelerado de acumulação de reservas a partir de meados de 2006. Em abril de 2009, chegaram a US\$ 202 bilhões.

Ao contrário do que ocorreu em outras crises internacionais, o Brasil enfrenta a atual na condição de credor externo líquido. O País anunciou, no início de abril de 2009, que aceitou o convite para participar do grupo de credores do FMI. Foram disponibilizados até US\$ 4,5 bilhões para reforçar o caixa do FMI com o objetivo de emprestar recursos aos países que necessitem de socorro.

Outro fator que contribuiu para o País enfrentar a crise é a solidez do seu setor bancário, regulamentado de forma sofisticada. A existência de fortes bancos públicos, administrados com excelência, mostrou-se fundamental para o enfrentamento da crise, promovendo a redução de juros e a oferta de crédito, que tinha sido limitada pelo setor bancário privado.

Em função de sua solidez, o Brasil pode adotar desde o final do ano passado diversas medidas anticíclicas. O País reduziu seus juros básicos, flexibilizou a política monetária e adotou medidas fiscais de desoneração e de ampliação do investimento público. Entre as principais ações adotadas no início de 2009 estão: a redução do compulsório bancário, a alteração das alíquotas do imposto de renda, a redução do IPI para veículos e do IOF para operações de crédito e o aporte adicional de R\$ 100 bilhões para o BNDES.

No final de março, o governo anunciou o programa “Minha Casa, Minha Vida”, um plano habitacional voltado para a população de baixa renda e para a classe média, com investimentos de R\$ 60 bilhões, previsão de criação de 3,5 milhões de empregos, segundo a Caixa Econômica Federal, e construção de 1 milhão de moradias, o que deverá acrescentar perto de 2% ao PIB no período de sua implantação.

O Brasil, portanto, tem um modelo de desenvolvimento que diminuiu as desigualdades e fortaleceu seu mercado interno e enfrenta a atual crise internacional de forma soberana, com crescente contribuição e participação nos fóruns internacionais, como o do G-20, adotou medidas anticíclicas e continuará adotando as que forem necessárias para manter o ciclo crescimento sustentado que atingiu.

Guido Mantega
Ministro de Estado da Fazenda



Chico Barros

4

4 Estabilidade

O novo modelo de desenvolvimento, o mercado interno e a solidez fiscal são alguns dos fatores que tornam a economia brasileira mais resistente à crise

12 Desenvolvimento

A capacidade de gerenciar os impactos da turbulência reforça o protagonismo do País no cenário internacional

20 Investimento

Medidas do governo injetam recursos na economia, movimentam os negócios e levam as empresas a retomar projetos de expansão

24 Habitação

Plano vai destinar R\$ 60 bilhões para a construção de 1 milhão de moradias; previsão é criar 3,5 milhões de empregos em três anos



AES Eletropaulo/Divulgação

12



Lia Lubambo

24

Brasil – Economia Sustentável

Uma publicação do Ministério da Fazenda produzida pela Assessoria de Comunicação Social em parceria com a área de Projetos Especiais da Revista EXAME – Editora Abril S/A.

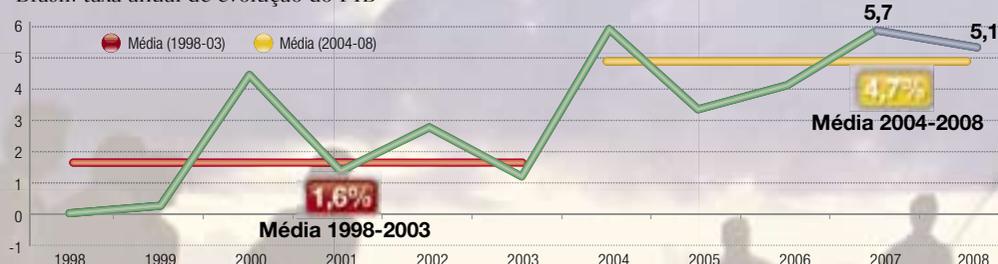
Porto seguro

O Brasil construiu nos últimos anos um conjunto de condições favoráveis para reduzir os impactos da crise internacional

Sete meses depois da quebra do Lehman Brothers, que marcou o início da maior crise financeira internacional já vista em 80 anos, ainda é difícil avaliar a sua duração ou mesmo a sua extensão. Apesar das inúmeras medidas tomadas pelos países mais afetados, os impactos sobre a economia mundial continuam mais fortes do que se previa inicialmente. Nesse cenário, o Brasil tem sido um dos países menos atingidos, pois reúne condições que permitem fazer frente aos efeitos da crise, a começar pela estabilidade institucional e política e pelo novo modelo de desenvolvimento.

Aceleração do crescimento

Brasil: taxa anual de evolução do PIB



Fonte: IBGE > Elaboração: MF/SPE

Novas reservas de óleo e gás vão fazer do País uma potência energética

“Conforme as preocupações se espalham ao redor do mundo, o Brasil continua a ser visto como um dos poucos países a oferecer a perspectiva de crescimento econômico nos próximos anos”

Financial Times, de Londres

No estudo “Perspectivas Econômicas Mundiais”, o Banco Mundial prevê que, pela primeira vez desde a Segunda Guerra, a economia do planeta pode entrar em recessão. Os volumes do comércio deverão recuar 9% em 2009, aponta o mais recente relatório de projeções da Organização Mundial do Comércio (OMC). O quadro é agravado pela retração nos investimentos, corte nos créditos e fluxo negativo de capitais, que alteram radicalmente as expectativas formuladas até poucos meses.

Quando boa parte do mundo já convivia com sinais de desaquecimento, a economia brasileira vivia um ciclo consistente de desenvolvimento, o maior já registrado desde o início dos anos 70. Foram 27 trimestres consecutivos de crescimento econômico. No terceiro trimestre de 2008, exatamente no período em que a turbulência explodia, o PIB brasileiro a preços de mercado teve um aumento de 6,8% em relação ao mesmo período de 2007. Com os resultados dos quatro últimos trimestres, já sob as dificuldades trazidas pela retração internacional, o PIB fechou 2008 com uma expansão acumulada de 5,1%, acima da média das economias mais dinâmicas. Entre 2004 e



L.C.Leite/AE

Shopping center em São Paulo: novo ciclo de desenvolvimento permitiu o acesso de milhões ao mercado de consumo

2008, o País cresceu 4,7% em média, ritmo três vezes superior ao registrado entre 1998 e 2003.

O novo ciclo de desenvolvimento criou bases para a consolidação de um mercado de massa que permitiu o acesso de milhões de pessoas à educação, à saúde, à luz elétrica, ao crédito e ao consumo, gerando empregos e oferecendo oportunidades para as empresas. Hoje, são mais de 90 milhões de consumidores com renda mensal superior a R\$ 500. De um lado, isso é o resultado

Escudos de proteção

Por que o Brasil está em melhores condições para resolver a crise



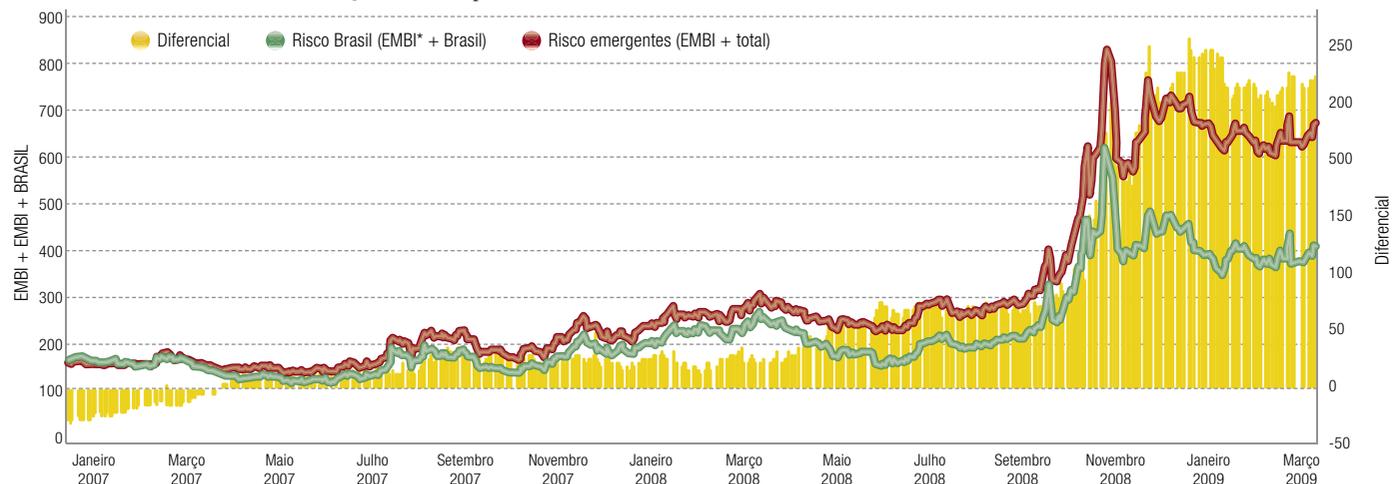
do aumento do rendimento médio, que continua crescendo. De outro, o efeito de um programa de distribuição de renda que, em poucos anos, mudou radicalmente o perfil do mercado consumidor, possibilitando a milhões de brasileiros migrar da base da pirâmide social para as faixas de renda C e D entre 2002 e 2007. Em 2008, a classe C passou a representar 52,3% da população; em 2003, sua participação era de 42,4%.

A força do mercado interno é, por sinal,

um dos fatores que tornaram o Brasil mais resistente à crise e menos dependente do exterior. O País já tem lugar de destaque entre os que mais exportam – em 2008, foram US\$ 197,9 bilhões. Mas as exportações representam apenas 13% do seu PIB, enquanto para outros grandes exportadores o peso das vendas para o exterior fica entre 40% e 50%, podendo chegar até a 60%. Um outro ponto que con-

Risco Brasil x emergentes

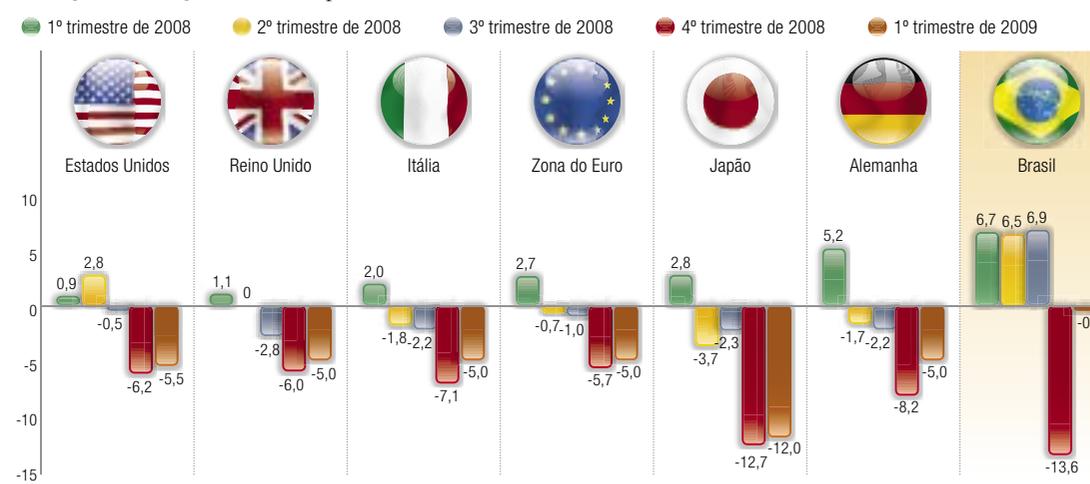
Aumentou o diferencial em relação a outros países



* Sigla para Emerging Markets Bonds Index (Índice de Títulos da Dívida de Mercados Emergentes) > Fonte: JP Morgan > Elaboração: MF/SPE

PIB real

Variação em relação ao mesmo período do ano anterior – taxa dessazonalizada e anualizada (em %)



Fonte: JP Morgan-GDW > Elaboração: MF/SPE

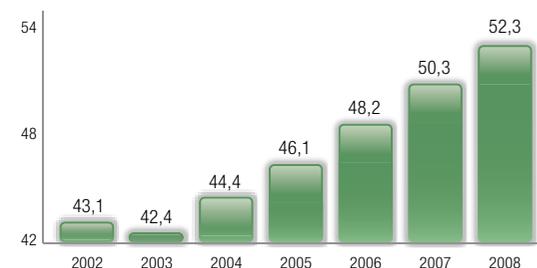


Caminhões: demanda em alta é um dos sinais do aquecimento econômico

Divulgação

Consumo de massa

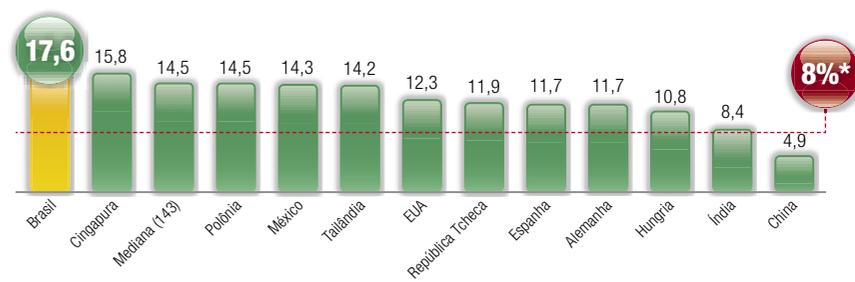
Participação da classe C na população total (em %)



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PME > Elaboração: MF/SPE

Sistema financeiro sólido

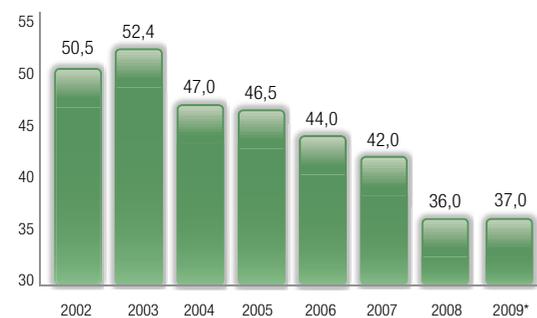
Quanto menor o percentual, maior o risco na carteira de empréstimos



* Percentual de capital recomendado pelo acordo Basileia II (2007) > Fonte: Banco Mundial - 2008

Dívida líquida do setor público

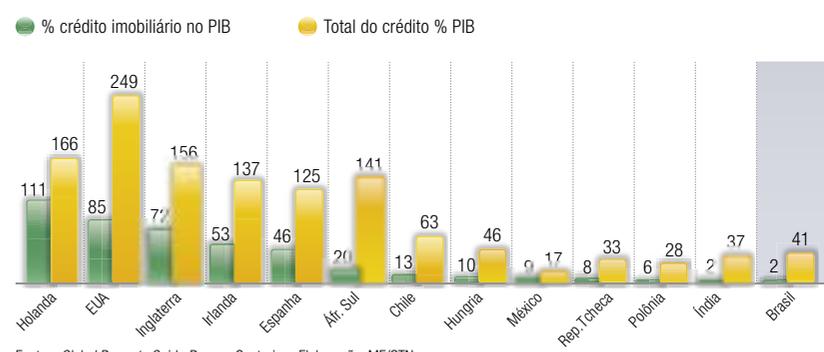
Em % PIB



* Projeções de mercado (Focus 13/04/2009) > Fonte: BCB > Elaboração: MF/SPE

Mercado imobiliário pouco alavancado

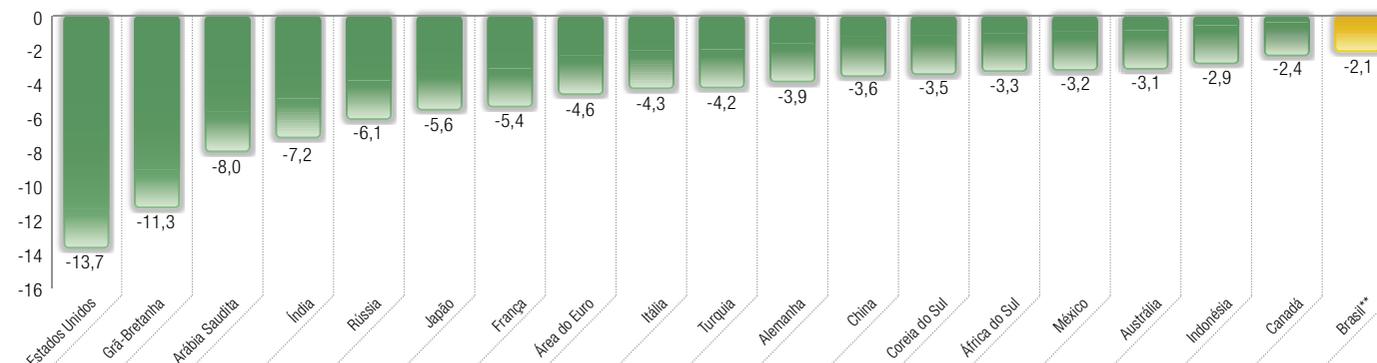
Em % PIB



Fontes: Global Property Guide, Bancos Centrais > Elaboração: MF/STN

Estimativas do resultado fiscal em países selecionados*

Diante da crise, o Brasil mantém um dos menores níveis de déficit nominal



* Projeções da Economist Intelligence Unit para 2009 > ** PLDO 2010 > Fonte: The Economist (21/Mar/09) > Elaboração: MF/SPE

Exportações brasileiras são diversificadas

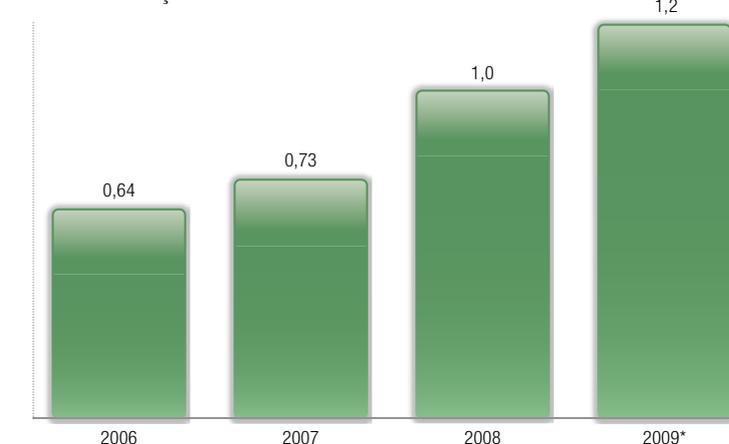
Nos últimos anos, o País abriu novas frentes sem depender excessivamente de um só mercado

	2000		Janeiro a outubro de 2008	
	US\$ bilhões (FOB**)	%	US\$ bilhões (FOB)	%
Zona do Euro*	15,35	27,84	39,84	23,52
Estados Unidos	13,19	23,93	23,66	13,97
Argentina	6,24	11,32	15,43	9,11
China	1,09	1,97	15,13	8,93
México	1,71	3,11	3,60	2,13
Chile	1,25	2,26	4,03	2,38
Japão	2,47	4,49	5,16	3,05
Venezuela	0,75	1,37	4,23	2,50
Outros	13,03	23,71	58,29	34,41
Total	55,08	100%	169,37	100%

* Entre 2000 e 2008, foram integrados 12 novos países > ** FOB: livre de frete > Fonte: MDIC 2008

Investimentos do Governo Central

Valor em relação ao PIB



* Projeção > Fonte: Sifai > Elaboração: Coapi/STN

tribui para reduzir a vulnerabilidade externa é a diversificação de mercados. A abertura de novas frentes nos últimos anos tem ajudado a enfrentar a retração de parceiros tradicionais. Em março, a China aumentou suas compras e se tornou o principal destino das exportações brasileiras. Essa política foi importante para garantir o superávit comercial, que, até a segunda semana de abril de 2009, atingiu R\$ 4,4 bilhões, cerca de 11% acima do mesmo período do ano anterior.

A solidez fiscal é o outro traço marcante da política econômica brasileira nos últimos anos. Pela primeira vez em um largo período de tempo, o País deixou de ter dificuldade para fechar suas contas, fator determinante para garantir,

no início de 2008, o grau de investimento, que teve melhoria em sua perspectiva de classificação em 2009, pela Standard & Poors. O equilíbrio fiscal não se alterou com o impacto da crise internacional. No primeiro bimestre de 2009, o Brasil continuava a registrar superávit primário. O resultado foi inferior ao mesmo período de 2008, mas confirma um progressivo descolamento do cenário econômico internacional.

A dívida líquida do setor público caiu de 52,4% em 2003 para 36% em 2008, e a inflação se mantém sob controle. No ano passado, o País foi um dos poucos, entre os que estabelecem metas de inflação, a cumprir as expectativas fixadas. Esse quadro se mantém: em março, a alta foi de

“O setor bancário brasileiro é uma exceção lucrativa em um cenário internacional marcado por turbulências”

The Economist

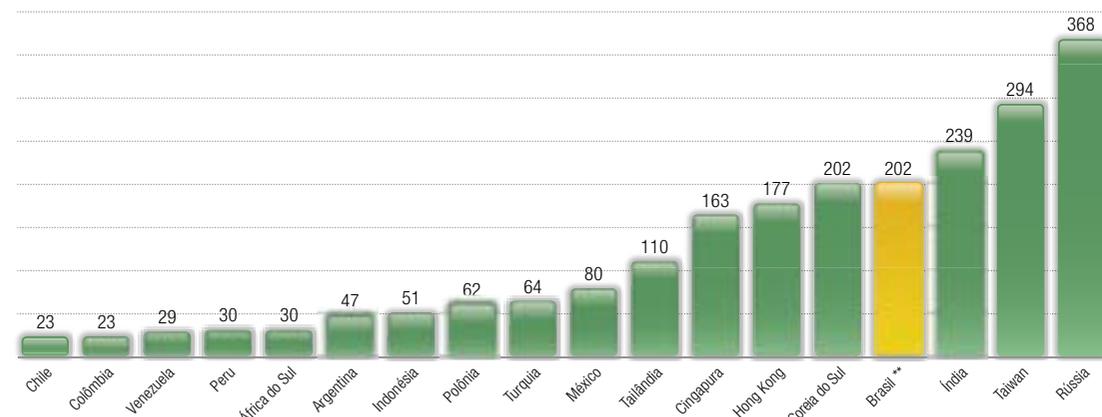
0,20%, a menor para este mês desde 1994 e o menor nível desde setembro de 2007.

O governo deu continuidade ao Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), ambicioso plano de desenvolvimento com investimentos na melhoria e ampliação da infraestrutura, além de medidas para expansão do crédito e redução de entraves burocráticos, de custos e de tributos. Lançado em 2007, o PAC previa recursos de R\$ 503,9 bilhões até 2010. No início de 2009, quando completou dois anos, ganhou reforço de R\$ 142,1 bilhões, dos quais R\$ 84,2 bilhões para investimentos nas áreas social e urbana, R\$ 37,7 bilhões para logística e R\$ 20,2 bilhões para energia. Em 2003, antes do PAC, as verbas federais destinadas aos investimentos representavam 0,31% do PIB. Em 2007, esse percentual subiu para 0,73% e, em 2008, alcançou 1%. Até dezembro de 2008, o PAC incluía 2.378 ações; deste total, 80% estão em ritmo adequado e 11%, em fase de conclusão.

Em ritmo acelerado de acumulação desde o início de 2006, o volume das reservas internacionais também serviu como escudo para amortecer os efeitos da crise. Em setembro de 2008, quando teve início a turbulência, elas já passavam de US\$ 200 bilhões, uma marca histórica. No final de dezembro, totalizavam US\$ 206,8 bilhões, um dos maiores ativos em moeda estrangeira do mundo.

Reservas internacionais*

Em US\$ bilhões



* Dados referentes a Fevereiro/2009 > ** Último dado disponível = 14/04/2009 > Fonte: JP Morgan/Emei (Março/2009) > Elaboração: MF/SPE

Ao contrário do que aconteceu em outras crises internacionais, o País enfrenta a atual na condição de credor externo líquido, o que reduziu sua vulnerabilidade. Deixando para trás o clássico papel de tomador de empréstimo do Fundo Monetário Internacional (FMI), o Brasil anunciou, no início de abril, que foi convidado a participar do grupo de credores da instituição. Foram disponibilizados, caso necessário, até US\$ 4,5 bilhões para reforçar o caixa do FMI com o objetivo de emprestar recursos aos países que necessitem de socorro para enfrentar a crise financeira internacional.

O sistema financeiro brasileiro demonstra força e estabilidade. Os bancos públicos têm uma significativa participação na composição do crédito, e as dez maiores instituições apresentam índices muito abaixo dos recomendados pelo acordo de Basileia. A relação crédito/PIB é baixa, a alavancagem sobre o patrimônio está em um grau inferior ao indicado internacionalmente e o crédito imobiliário não oferece riscos, como o do *subprime* nos Estados Unidos.

Reportagem publicada em março pela revista britânica *The Economist* classifica o setor bancário brasileiro como “exceção lucrativa” em um cenário internacional marcado por turbulências. *The Economist* lembra que bancos estrangeiros,



Construção de moradias e obras de urbanização no Complexo do Alemão, um dos maiores aglomerados populacionais do Rio: projeto com investimento do PAC

Fernanda Almeida

com sérios problemas em boa parte do mundo, continuam apresentando bons resultados no Brasil. Esse quadro reflete, em grande parte, o sofisticado modelo regulatório adotado no País.

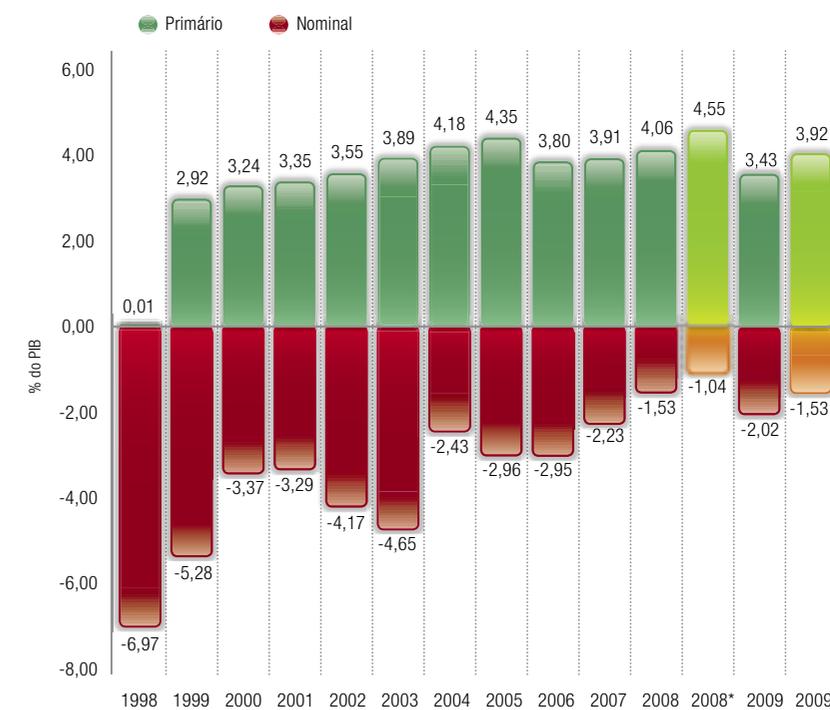
A essa gama de fatores favoráveis, soma-se ainda um outro: a autonomia em energia. O potencial energético, ampliado com as recentes descobertas de grandes reservas de petróleo e gás na camada pré-sal, a baixíssimas profundidades – desafio para o qual a Petrobras se preparou, desenvolvendo as mais avançadas tecnologias disponíveis atualmente –, e a produção de etanol, deverá transformar o Brasil em exportador de energia até 2020. É uma vantagem competitiva que amplia as chances de que o País continue a manter, no longo prazo, o crescimento registrado nos últimos anos.

Sua consistente política macroeconômica permite ao Brasil adotar medidas anticíclicas, ao contrário do que ocorreu em outras crises internacionais, quando os juros subiam, a dívida externa e o superávit primário aumentavam, a inflação disparava e os investimentos sofriam cortes. Era um quadro de vulnerabilidade que fazia o País todo pisar no freio por um período prolongado.

Resultado fiscal do setor público

2008: acumulado no ano, em % do PIB

2009: 12 meses acumulados até fevereiro, em % do PIB



* Considerando esforço do Fundo Soberano do Brasil > Fonte: BCB > Elaboração: MF/STN



Linha de produção de montadora: setor viveu o melhor março da história

A retomada da economia

Alguns setores voltam a crescer, o nível de emprego sobe e as empresas ampliam os investimentos

A reunião do G-20, realizada no início de abril em Londres, mostrou o novo papel que o Brasil passou a exercer no cenário mundial. Se antes do encontro ainda não havia convicção na capacidade de o País exercer influência nas decisões, o que se viu foi a aprovação das principais propostas levadas pela delegação brasileira. Entre elas estão a punição aos paraísos fiscais e a maior regulamentação do sistema financeiro mundial.

Esse é um dos mais recentes marcos que a imagem e a credibilidade do Brasil vêm conquistando no exterior, tanto pelo ciclo de desenvolvimento econômico e conquistas sociais registrado nos últimos anos quanto pela capacidade de gerenciar a crise e reduzir seus efeitos com uma política macroeconômica consistente e de responsabilidade.

O mercado automobilístico no Brasil...

Resultados de 2008 e 2009* (em mil unidades)



* Inclui automóveis e comerciais leves, caminhões e ônibus > Fonte: Anfavea

... e lá fora

Janeiro e fevereiro (em mil unidades)

	2009	2008	Varição (em %)
EUA	1.342	2.211	-39,3
JAPÃO	682	879	-22,4
ALEMANHA	503	501	+0,4
FRANÇA	375	427	-12,2
ITÁLIA	349	494	-29,3
ESPANHA	137	258	-46,9
ARGENTINA	67	103	-34,9
MÉXICO	134	192	-30,2
BRASIL	396	415	-4,6

Fontes: VDA, CCF, Anfac, Adefa, Amia, Ward's AutolInfoBank, AutoNews Reuters/Japan Automobile Dealers Association

“O Brasil mudou de patamar e virou um dos carros-chefe da economia mundial”

Weber Porto, presidente da Câmara de Comércio Brasil-Alemanha

O Brasil também foi afetado pela retração econômica, que atingiu praticamente o mundo todo, mas, ao contrário da maioria dos outros países, já começa a dar sinais de reação, o que cria um clima de otimismo, ainda que moderado. Uma das últimas a serem atingida pela crise, a economia brasileira tem tudo para ser uma das primeiras a saírem dela.

Dados apurados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam, em fevereiro, um crescimento de 1,8% sobre janeiro de 2009, quando foi interrompida uma sequência de três resultados negativos. A pesquisa demonstra que houve aumento da produção em 16 dos 27 ramos pesquisados.

Essa tendência é confirmada por outros indicadores. O consumo de energia subiu 2,1% em março em relação ao mesmo período do ano passado e 2,7% em relação ao mês anterior, conforme o Operador Nacional do Sistema (ONS). O comércio de combustíveis, ao contrário do que havia ocorrido no mês anterior, também teve alta em março, em mais um sinal de que no Brasil o pior da crise pode ter ficado para trás. Os supermercados conseguiram, em fevereiro, elevar o faturamento real em 4,16%, em comparação como o mesmo mês de 2008, que teve 29 dias. No bimestre, as vendas reais acusaram expansão de 5,37%.



Em março, o consumo de energia, indicador da atividade econômica, cresceu 2,1% no País

Laio de Almeida

As vendas de cimento cresceram 11,5% em março. Também há boas notícias vindas do campo: a previsão é de colher uma safra de 138 milhões de sacas de grãos, a segunda maior da história.

Os automóveis, caminhões e ônibus novos tiveram o melhor mês de março da história das montadoras no País, confirmando o impulso dado ao setor pelas medidas de desoneração e de estímulo econômico adotadas pelo governo. O aumento foi de 36% em comparação com fevereiro e de quase 17% em relação a março de 2008, segundo dados da Federação Nacional de Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve). No primeiro trimestre, as vendas cresceram 3% sobre o mesmo período do ano passado.

Com o nível de atividade voltando aos índices de meados de 2008, a indústria automobilística brasileira tem sido uma das menos afetadas pela crise, em comparação com o que acontece em outros países. Otimistas, as montadoras retornam à normalidade – a General Motors antecipou a volta ao trabalho de 300 funcionários que estavam em licença remunerada – e levam adiante seus planos de expansão. Um exemplo é a francesa Renault, que vai anunciar, até o final do ano, um novo plano de negócios, com recursos da ordem de R\$ 1 bilhão.

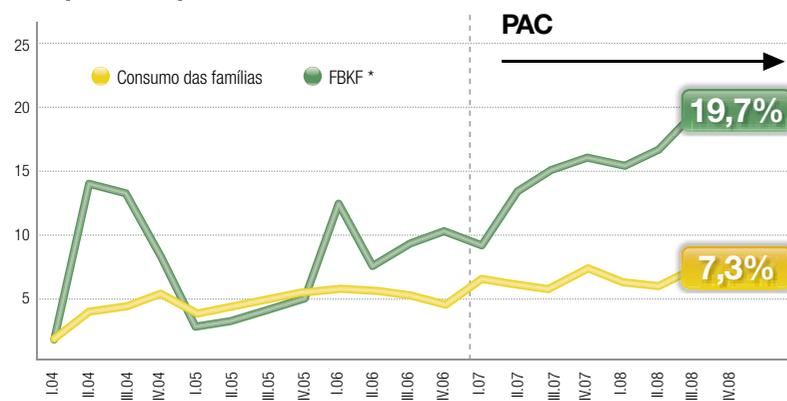
Um levantamento feito pela revista *Exame*, no

“A economia brasileira está forte e possui um nível de reservas muito confortável”

FMI

Maior ciclo de investimentos

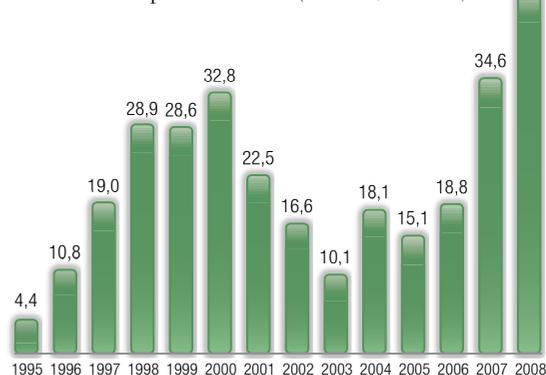
Varição em relação ao mesmo trimestre do ano anterior (em %)



* Formação Bruta do Capital Fixo > Fonte: IBGE > Elaboração: MF/SPE

Investimento estrangeiro direto

Entrada de capitais externos (em US\$ bilhões)



Fonte: BCB

Mais empregos com carteira assinada

Criação líquida de postos de trabalho formais (variação absoluta – em milhares)



Fonte: MTE/Caged > Elaboração: MF/SPE



Cimento: reação da construção elevou as vendas em mais de 11% em março

Divulgação



Loja no Nordeste: varejo mantém bom desempenho

Xando Pereira

final do ano passado, com 108 multinacionais com operações no Brasil, mostrou que, mesmo com um cenário menos favorável do que o registrado nos últimos anos, 60% das empresas pesquisadas deverão manter ou aumentar em 2009 os investimentos programados para o País. A pesquisa também mostra que 39% delas esperam ter resultados superiores aos de outras subsidiárias, o que elevará sua importância nos respectivos grupos.

Maior fabricante de alumínio do mundo, a Alcoa, dos Estados Unidos, comunicou que vai continuar a pôr em execução um ambicioso programa com investimentos de US\$ 8 bilhões até 2010. A Telefônica prevê elevar em 20% os recursos destinados ao Brasil. Em 2008, o grupo espanhol investiu R\$ 2 bilhões no País.

A rede americana de supermercados Wal-Mart também aposta no mercado brasileiro e está

investindo R\$ 1,6 bilhão na abertura de novas lojas. “A posição do Brasil é privilegiada. O País não é blindado, mas vai crescer este ano”, diz Hector Nuñez, presidente nacional da empresa. Em 2008, o Wal-Mart contabilizou um faturamento de R\$ 17 bilhões, o que representou um crescimento de 17% em relação ao ano anterior, o dobro da média mundial, que ficou em torno de 8%.

Empresas brasileiras estão, igualmente, dando

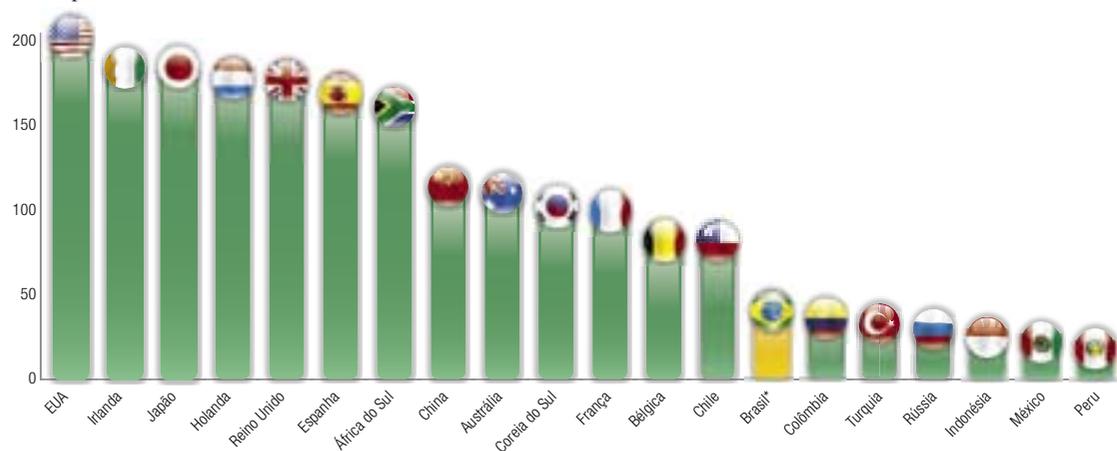
continuidade a seus projetos e reforçando investimentos. A CPFL, maior grupo privado do setor elétrico, vai aumentar em cerca de 5% o volume de recursos para expandir a sua atuação. A empresa reservou um total de R\$ 1,2 bilhão para investimentos em 2009. Até setores atingidos pela queda nas exportações, como as siderúrgicas, não interromperam seus planos. A CSN está abrindo uma nova frente, com investimentos de US\$ 2 bi-

“O Brasil de hoje é um país seguro de si e com um crescimento considerável”

ABC, da Espanha

Crédito ao setor privado

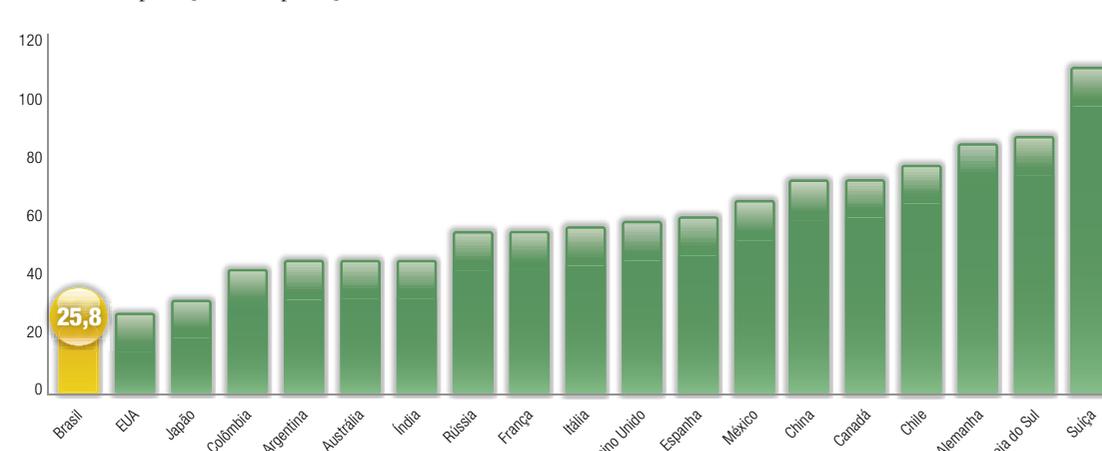
A despeito do forte crescimento nos anos recentes, o Brasil ainda tem um índice Crédito/PIB baixo (em %)



* Exceto Brasil – dados do BCB, Nov/2008 > Fonte: World Bank – WDI 2008 > Elaboração: Febraban

Corrente de comércio

Soma das exportações e importações de 2005 a 2007 (em % do PIB)



Fonte: WTO (outubro de 2008) > Elaboração: MF/SPE

“Olhando as perspectivas de médio e longo prazo, o Brasil é um país condenado a crescer”

Ivan Zurita, presidente da Nestlé



Germano Lüders

Bolsa de valores: ações voltam a subir e trazem novamente os investidores estrangeiros

lhões em mineração, e a Usiminas anunciou que vai aplicar R\$ 19,1 bilhões em novos projetos. A Braskem, uma das líderes do setor de petroquímica, planeja investir este ano mais de R\$ 900 milhões. A maior parte dos recursos deverá ser destinada para aumento de capacidade produtiva e modernização de equipamentos.

Em março, foram criados quase 35 mil empregos formais, segundo números do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), confirmando uma reação mostrada em fevereiro, quando foram abertas outras 9.200 vagas. É um quadro que, embora de forma tímida, aponta no sentido de recuperação.

Outro reflexo da reação do País à crise é a bolsa de valores. No início de abril, a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) bateu o seu recorde de pontos, com o maior índice em seis meses. Em março, foi registrada a entrada de R\$ 1,4 bilhão

de recursos estrangeiros, melhor resultado mensal desde maio de 2008. Esses dois indicadores demonstram que os investidores de outros países voltaram aos pregões e que a Bovespa passou a apresentar melhor desempenho do que outras bolsas de valores internacionais.

Numa pesquisa da Latin America Venture Capital Association com fundos do mundo inteiro para escolher as melhores opções de investimento em 2009, o Brasil ficou com 43% das intenções, em situação folgada diante dos outros países do Bric – Índia (18%), Rússia (13%) e China (8%).

De acordo com outro estudo – Emerging Markets Private Equity Survey de 2009 –, o Brasil foi o país que mais subiu no ranking de atratividade para aplicações em 12 meses, passando a ocupar a segunda posição, atrás apenas da China. Em 2008, ocupava a quarta posição.

Agora, 18% dos investidores consideram o Brasil um destino “muito atrativo”, 2% a mais do que a Índia, segunda classificada.

Entre os fatores que contribuem para esse panorama favorável está o comportamento do real. Depois da alta registrada nas primeiras semanas da crise, a moeda brasileira se estabilizou em um patamar bem mais baixo e vem apresentando tendência de queda. Desde o início de fevereiro, o Banco Central deixou de realizar leilões para controlar a sua cotação.

Com esse cenário, o País desperta atenção cada vez maior. “Enquanto as preocupações sobre a recessão se espalham, o Brasil continua a ser visto como um dos poucos lugares que oferecem perspectiva de crescimento econômico nos próximos anos”, afirma uma reportagem publicada recentemente pelo conceituado jornal *Financial Times*, de Londres.

Motivos para investir

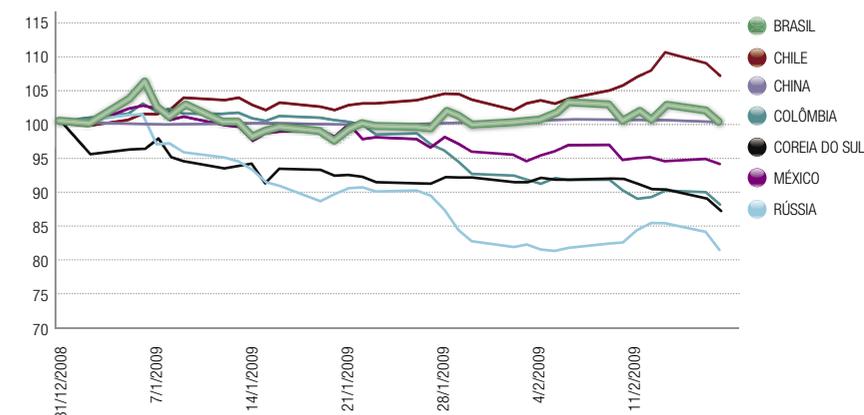
O Brasil foi o país que, em 12 meses, mais subiu no ranking para aplicações

	2009	2008	Variação no ranking
China	1	1	0
Brasil	2	4	2
Índia	3	2	-1
Centro e Leste Europeu (incl. Turquia)	4	3	-1
América Latina (exceto Brasil)	5	7	2
África (exceto Áfr. do Sul)*	6	5	-1
África do Sul	7	9	2
Oriente Médio	8	8	0
Rússia/CIS	9	6	-3

Fonte: Emerging Markets Private Equity Survey de 2009

O real em relação a outras moedas

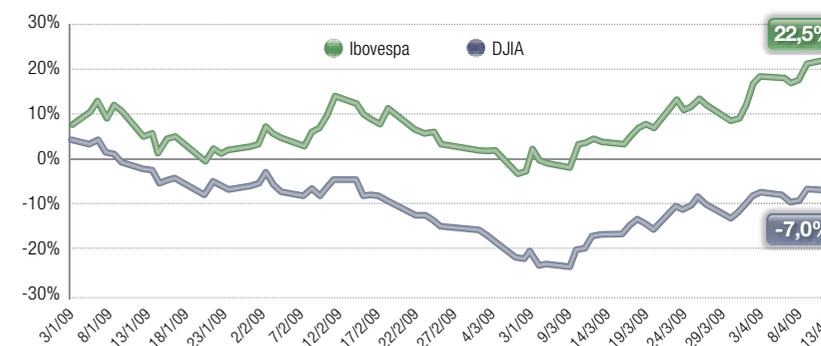
Dólar/moeda do país (31/dez/2008, base 100)



Fonte: Bloomberg > Elaboração: MF/STN

Desempenho Bovespa e Dow Jones

Varição em % em relação a 30/12/2008 – Dados diários



Fonte: Reuters > Elaboração: MF/SPE

Ações para enfrentar a **CRISE**

O governo investe em iniciativas para amortecer os impactos da turbulência e dar impulso à economia brasileira

A reação das empresas e dos consumidores, que vêm movimentando a economia, é sustentada, em grande parte, por uma série de medidas anticíclicas, adotadas pelo governo para amortecer os impactos da crise. Desde os primeiros sinais de desaceleração, o governo ampliou o financiamento às exportações e os créditos à agricultura, disponibilizou recursos para a indústria naval, injetando mais dinheiro na economia, e reduziu os depósitos compulsórios dos bancos. No total, o Banco Central liberou até o momento cerca de R\$ 100 bilhões em compulsórios.

Construção civil: um dos setores que mais crescem com medidas de incentivo do governo

O primeiro passo, logo em seguida aos sinais de desaceleração, foi a redução dos depósitos compulsórios dos bancos, com o objetivo de injetar mais dinheiro na economia. Outra ação foi ampliar os limites do Programa de Financiamento às Exportações (Proex), antes restrito a empresas com faturamento de até R\$ 300 milhões. O objetivo é aumentar a base exportadora e suprir a escassez de crédito para operações de comércio exterior. O governo estima que entre 800 e 900 companhias deverão utilizar esses recursos, que totalizam R\$ 1,3 bilhão. Também foi ampliado o financiamento à agricultura, que deverá contar com recursos entre R\$ 90 bilhões e R\$ 100 bilhões para a safra 2009/2010. Na safra anterior, o financiamento foi de R\$ 78 bilhões. Para incentivar o investimento em produção, foram disponibilizados R\$ 10 bilhões do Fundo da Marinha Mercante para garantir financiamento à indústria naval, que já foi uma das mais fortes do mundo, mas esteve em estagnação por duas décadas.

Entre as medidas mais recentes de combate à crise estão facilidades para a tomada de empréstimos em bancos públicos e mudanças nas alíquotas do imposto de renda, que garantirão a redução do tributo para todos os trabalhadores, independentemente do valor do salário. Com isso, pelo menos R\$ 4,9 bilhões serão injetados na economia. Na mesma linha, está a redução de impostos sobre operações de crédito e sobre



Estaleiro em construção: recursos ajudam a fazer ressurgir a indústria naval brasileira

Oscar Cabral

produtos industrializados, esta última para estimular a compra de veículos. A medida, adotada para aquecer o mercado, deu impulso ao setor e foi prorrogada por mais um trimestre.

Uma peça importante no arsenal anticíclico são os investimentos do governo e das empresas públicas. A Petrobras vai aplicar R\$ 174,4 bilhões no período entre 2009 e 2013. É um dos maiores projetos de investimento já posto em execução por uma empresa do setor. A maior parte dos recursos será destinada à área de ex-

ploração e produção, especialmente no pré-sal, uma faixa que se estende por 800 quilômetros entre as regiões Sudeste e Sul e tem gigantescas reservas de petróleo e gás, sob uma profundidade de 7 mil metros.

Principal órgão de fomento ao desenvolvimento, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) recebeu um grande aporte adicional. Com isso, seus desembolsos chegarão a R\$ 168 bilhões em 2009, um recorde histórico, bem acima dos R\$ 91 bilhões repassados às empresas em 2008.

Antes mesmo do agravamento da crise internacional, em setembro de 2008, o governo brasileiro lançou uma medida anticíclica para amortecer impactos sobre a economia: a criação de um fundo soberano. Constituído inicialmente de recursos do superávit primário, o Fundo Soberano do Brasil será uma importante fonte de recursos para as empresas brasileiras nos próximos anos, principalmente em cenários de restrição de créditos.

A medida mais recente para fortalecer a economia é o programa “Minha Casa, Minha Vida”, anunciado no final de março.

Principais medidas adotadas

Mercado Interbancário

- Redução do compulsório e agilização das operações de redesconto, injetando R\$ 100 bilhões na economia.

Mercado Cambial e Exportações

- Leilões de dólares em moeda e no mercado futuro (*swaps*).
- Leilão de dólares direcionado para o financiamento de Antecipação de Contratos de Crédito (ACCs).
- Aplicação de parte das reservas internacionais na ampliação das fontes de financiamento de empresas brasileiras no exterior.

Financiamento da Agricultura

- Antecipação de desembolsos do Banco do Brasil.
- Recursos adicionais de vários fundos (R\$ 5 bi).
- Aumento do crédito direcionado com compulsório.
- Linha de R\$ 500 milhões para produtores do Centro-Oeste.
- Extensão do Programa de Garantia de Preços para Agricultura Familiar (PGPAF) para as operações de investimento do Pronaf contratadas a partir da safra 2008/2009.
- Criação da Linha Especial de Comercialização (LEC) na safra 2008/2009.
- Ampliação do prazo para a renegociação das dívidas rurais (após a Lei 11.775/2008).

Financiamento do Investimento e da Produção

- Manutenção da TJLP em 6,25% aa.
- Ampliação dos recursos para o BNDES (R\$ 100 bi) e repasse de linha de R\$ 5 bi do Banco Mundial.
- Mais R\$ 6 bi para capital de giro, pré-embarque de exportações e empréstimos-ponte.
- Fundo da Marinha Mercante (mais R\$ 10 bi).
- 2ª Fase do Programa Revitaliza (R\$ 4 bi).
- Aumento do Programa de Investimentos da Petrobras.
- Continuidade da expansão dos investimentos em infraestrutura (PAC: mais R\$ 142,1 bi até 2010).

Financiamento da Construção Civil

- Linha de capital de giro da CEF (R\$ 3 bi).
- Simplificação das garantias exigidas e ampliação (de R\$ 7 mil para R\$ 25 mil) do limite de financiamento para aquisição de material de construção (via CEF).
- Permissão para aplicação de até 5% dos depósitos de poupança em operações de capital de giro para construção.
- Linha de financiamento imobiliário (BB e CEF)

- para servidores públicos da União (R\$ 4 bi de cada instituição).
- Novo Programa Habitacional: inclui Subsídio para Moradia (R\$ 16 bi da União), Subsídio do FGTS (R\$ 2,5 bi da União e R\$ 7,5 bi do FGTS), Financiamento à Infraestrutura (R\$ 5 bi da União), Fundo Garantidor (R\$ 2 bi da União), Financiamento à Cadeia Produtiva (R\$ 1 bi do BNDES).
- Redução do IPI para material de construção.

Estímulo para Soluções de Mercado

- Redução do compulsório bancário condicionada à aquisição de carteiras de empréstimos.
- Autorização para o BB e a CEF adquirirem participação acionária em instituições financeiras (MP 443).
- Criação da Caixa Banco de Investimento.
- Apoio aos pequenos e médios bancos com ampliação das garantias de R\$ 60 mil para R\$ 20 milhões em CDB/RDB.

Setor Automobilístico

- R\$ 4 bi do BB para bancos de montadoras.
- Financiamento de motos (redução do IOF).
- Diminuição do IPI de veículos e suspensão da Cofins para motos.
- Linha de R\$ 400 milhões (R\$ 200 milhões do FAT e R\$ 200 milhões do BB) para capital de giro de concessionárias de veículos usados, mediante garantia de manutenção de emprego.

Setor de Autopeças

- R\$ 3 bi do BB para capital de giro.

Política Tributária

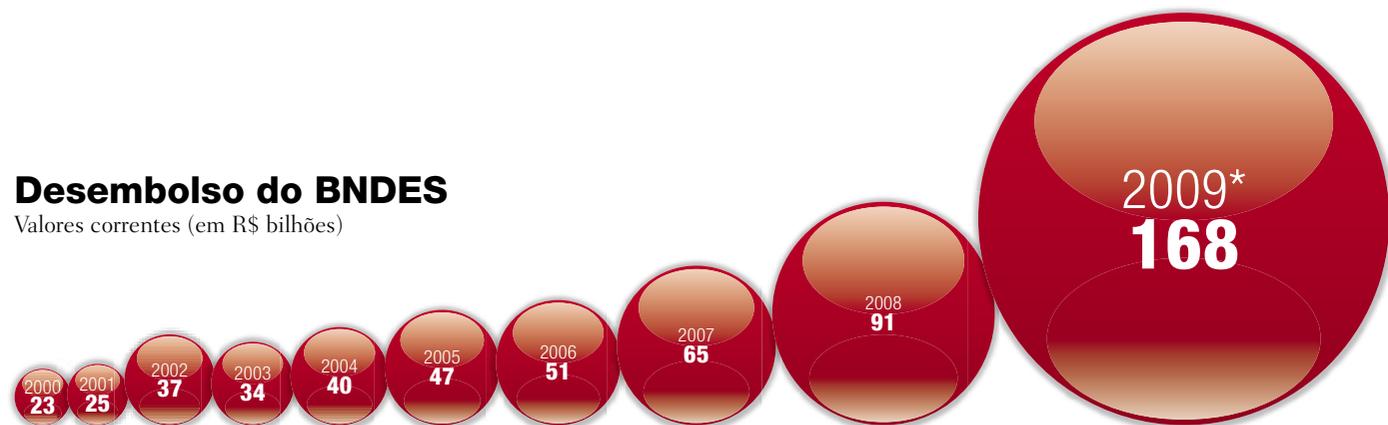
- Postergação do pagamento de impostos.
- Aceleração da devolução de créditos.
- Redução do IOF em 1,5% para aplicação de capital estrangeiro em renda fixa.
- Redução do IOF para crédito direto a pessoa física.
- Redução das alíquotas do IR da pessoa física.

Outras medidas

- Suspensão da exigência da Certidão Negativa de Débito (CND), por seis meses, para empréstimos nos bancos públicos.
- Aumento do salário mínimo para R\$ 465.
- Seguro Desemprego: elevação do número de parcelas para setores mais afetados pela crise.
- Recursos adicionais para os municípios (R\$ 1 bilhão).
- Redução do resultado primário 2009 e retirada da Petrobras do cálculo.

Desembolso do BNDES

Valores correntes (em R\$ bilhões)



* Valor máximo possível > Fonte: BCB/BNDES > Elaboração: MF/SPE

Emprego + casa própria = crescimento

Plano habitacional lançado pelo governo vai permitir a construção de 1 milhão de moradias

O Brasil convive, historicamente, com um grave déficit habitacional – atualmente estimado em cerca de 7,2 milhões de moradias. Anunciado no final de março, o programa “Minha Casa, Minha Vida” – que está sendo chamado de PAC Habitacional, em referência ao Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), para a ampliação e melhoria da infraestrutura – é a mais ambiciosa iniciativa já empreendida no País para enfrentar esse problema.

O objetivo é construir 1 milhão de casas e apartamentos, 400 mil para quem ganha até três salários mínimos, faixa que não era atendida pelo mercado.

Estão previstos investimentos da ordem de R\$ 60 bilhões. A expectativa é que o plano habitacional eleve o PIB em pelo menos 2% e, segundo a Caixa Econômica Federal, pode gerar 3,5 milhões de novos postos de trabalho nos próximos três anos, dando um forte impulso à economia.

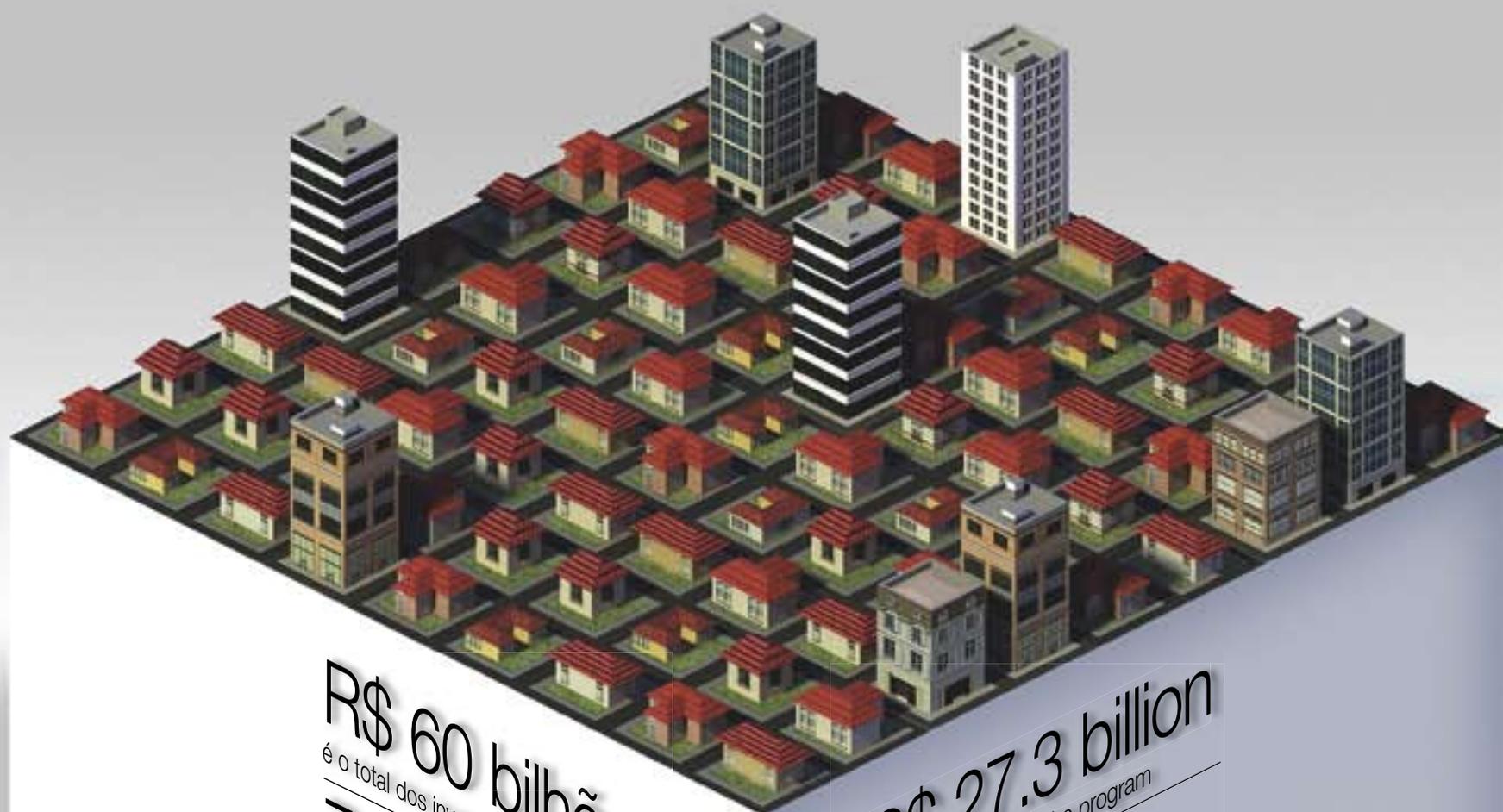
Job + your own house = growth

*Housing plan launched by the government
will enable the construction of 1 million houses*

Brazil has been living, historically, with a serious housing deficit – at the moment estimated in about 7.2 million houses. Announced at the end of March, the program “My House, My Life” – called Housing PAC, in a reference to the Growth Acceleration Program (PAC), for the extension and improvement of infrastructure – it is the most ambitious initiative ever taken in the country to deal with the problem.

The objective is to build 1 million houses and apartments, 400 thousand for those who earn up to three minimum salaries, a segment that was not attended by the market.

Investments of about US\$ 27.3 billion are forecasted. The expectation is that the housing plan raises the GDP at least 2% and, according to Caixa Econômica Federal can generate 3.5 million new jobs in the next three years, bringing a strong impulse to the economy.



R\$ 60 bilhões

é o total dos investimentos no programa

7,2 milhões

é o total do déficit de moradias no País

2% é quanto

o plano habitacional vai acrescentar ao PIB

3,5 milhões

de empregos serão gerados até 2012

US\$ 27.3 billion

is the total investment in the program

7.2 million

is the total deficit in housing

2% is what

the housing plan will add to the GDP

3.5 million

jobs will be created by 2012